

# **CRÍTICA AO ESTUDO E AO ENSINO DE FILOSOFIA ENQUANTO VOLVER SOMENTE AO CLÁSSICO EUROPEU, E O ASSERIR SOBRE O ANTOLHAR OUTRAS FORMAS DE FILOSOFAR<sup>1</sup>**

Nalberty Medeiros Santos<sup>2</sup>  
Valmir Pereira<sup>3</sup>

## **INTRODUÇÃO**

Nesse trabalho, faremos uma análise do ensino de filosofia enquanto o ensinar o “clássico” europeu/estadunidense, ou filosofias que são laureadas como o único e incólume modo de pensar, isto é, far-se-á uma crítica a acepção de que só é filosofia aquilo a qual laboram os supracitados, sendo todos os outros modos de antojar o mundo não-filosofia. Ou seja, até mesmo ao que tal nome se refere é causa de embargos, tais no sentido de amiúde ver-se somente como filosofia as acepções dos filósofos ocidentais, e aqui olvida-se tudo que não é europeu, estadunidense, ou que não comente tais filosofias, quiçá mormente vendo outras filosofias como mito, ou quando muito, como mero pensamento.

Dessa maneira, mostraremos brevemente que, a aquiescência pela filosofia que está no “cânone dos clássicos” tornou-se a base do educar, de modo que raramente ver-se falar sobre uma outra filosofia, e quando assim se procede, tais são relegados para a marginalidade.

Consequente, apresentaremos algumas filosofias “marginais”, no primeiro sentido, fazendo uma crítica aos embargos de vê-las enquanto mero pensamento, em um outro sentido, deliberaremos sobre o antolhar aquilo que é está nas “margens” do pensamento, mais que é tão genuíno quanto qualquer outro modo de filosofar.

Desta maneira, trataremos a respeito do ensino de uma filosofia brasileira, asiática, africana ou feminina, quer dizer, mostraremos alguns filósofos e filósofas que também elucubraram sobre algo do mundo, que disseram alguma cousa sobre a realidade, e que em alguns casos, antecederam pensadores que estão no “cânone”, ou seja, disseram algo que, doravante, será dito por outros filósofos.

Destarte, apresentaremos como o volver a outras filosofias pode corroborar para o ensino de filosofia, o que não quer dizer que olvidar-se-á os “clássicos”, mas que o objetivo desse texto é propor a possibilidade de ensinar aquilo que amiúde é tido como mero pensamento, mas que diz algo de sumário do mundo, e que tal cousa, possibilita o próprio ato de filosofar em sala de aula.

## **METODOLOGIA**

Quando se trata do ensino, somos formados pela academia para ensinar as proposições dos “cânones” da filosofia, ou seja, amiúde se nega outro pensamento que não os do supracitado, tratando-o como uma não-filosofia. Todavia, é lógico que há exceções, e dentre essas há na filosofia, aquelas e aqueles que se volem aos que não estão listados nos “clássicos” e que frequentemente nem são tidos como filosofia. Devido a tal cousa, temos como metodologia, além de analisar a maneira como mormente é antolhado o estudo e o ensino de filosofia, consequente, propor um volver para um pensamento além do eurocêntrico,

---

<sup>1</sup> Essa Pesquisa foi financiada pela CAPES

<sup>2</sup> Graduando do Curso de filosofia da Universidade Estadual da Paraíba - PB, [nnalberty@gmail.com](mailto:nnalberty@gmail.com)

<sup>3</sup> Professor Coautor e orientador: doutor, Universidade Estadual da Paraíba - PB, [provalmir@gmail.com](mailto:provalmir@gmail.com)

um envolver-se nas filosofias “marginais”, nessas acepções que são levadas por muitos a esmaecerem na marginalidade do pensamento.

## DESENVOLVIMENTO

O antojar da filosofia somente enquanto enlear-se aos “clássicos” causará anuência na nossa educação básica, de modo que temos como alicerce, nesse texto, mostrar os embustes do ver a filosofia e o seu ensino envolto em uma visão excludente, como supracitado, que extirpa aquilo que não consideram filosofia. De modo que, seja na educação, na academia, ou ao analisar os textos didáticos, o que ver-se é a afirmação do supracitado, ou seja, a filosofia parece resumir-se, a um ensino de determinados “padrões” de pensamento, de maneira que, nota-se, nos próprios textos de orientação docente (PNLD, 2018), que a maioria dos livros de filosofia citados, são textos que, quando muito, de forma asinha, citavam alguns filósofos da terra do islã, sendo sua base mesma a filosofia ocidental, e nesta os “clássicos”, com exceção de um desses livros didáticos (VASCONCELOS, 2016), que, egregiamente, além de apresentar os conteúdos a despeito da filosofia ocidental, labora também sobre várias filosofias orientais, tecendo um panorama geral sobre a filosofia da terra do islã, do budismo, do confucionismo, do taoísmo, e de diversas matrizes do pensamento africano entre outros.

Em outros materiais, que tem como falda ajudar o docente no processo didático, e que muito embora tenha como base algo ditoso, embora trate de questões importantes do ensino de filosofia, somente se volve as filosofias que são a base da academia, a filosofia europeia/estadunidense, à guisa de exemplo, o décimo volume da *Coleção Explorando o Ensino*, (CORNELLI; CARVALHO; DANELON, 2010), que muita embora seja um texto fantástico, com muitas sumidades sobre o ensino de filosofia, tendo como autores, docentes tanto do ensino superior quanto da educação básica, mas que, no entanto, não labuta sobre os textos filosóficos que estão à “margem”, limitando-se, quando muito, a citar esporadicamente algumas dessas fontes.

No entanto, não se quer dizer aqui que o pensamento europeu/estadunidense não tenha proficuidade, mas que tornar tais como centro do mundo é uma gafe, é negar a filosofia enquanto possibilidade do novo, é levá-la para uma única visão de mundo e, nesse sentido, para o abismo da filosofia. Assim, os últimos textos supracitados parecem se volver somente a esse tipo de intelectualismo, negando ou por alguma razão não abordando a filosofia que tem substrato nas terras do islã, essa que teve anuência da filosofia grega, mas que não é mero comentário, que filosofa no real, real no sentido daquilo que emerge do seu meio, à guisa de exemplo, a filosofia de Averróis, e o uso da *falsafa* enquanto base mesmo da religião, como esse mesmo profere: “Que à lei religiosa convide na reflexão racional sobre os seres existentes [...] isso é evidente por diversos versículos do livro de Deus [...] entre os quais: ‘Refleti, pois, ó vós que tens clarividência’ (AVERRÓIS, 2005, p. 5). Essa frase é uma arguição para o pensamento para além dos “clássicos”, isto é, ao anelar filosofia e o islã, ou melhor, ao dizer que este mesmo “obriga” o estudo de filosofia. Outros filósofos, inclusive antecedem proposições que serão discutidas pelos filósofos “clássicos”, ver-se, a título exemplo, na filosofia de Ibn Khaldün: “Todavia, a natureza do homem é fundamentalmente agressiva e violenta: o homem tem, por isso, necessidade de um freio moderador” (CAMPANINI, 2010, p. 193), aqui, ver-se uma acepção que será discutida na modernidade por Hobbes, a ideia de que o homem necessita de algo que o mantenha seguro, e que por isso perderá sua liberdade de natureza, para garantir sua vida, isto é:

Com isto torna-se manifesto que, durante o tempo em que os homens vivem sem um poder comum capaz de mantê-los todos em temor respeitoso, eles se encontram naquela condição a que se chama guerra; e uma guerra que é de todos os homens contra todos. (HOBBS, 2003, p. 109).

Assim, ver-se aí, na *falsafa* de Ibn Khaldün, uma filosofia que precede mesmo concepções modernas, que são tão originais quanto qualquer outra filosofia, que diz algo do mundo. Outros autores da terra do islã, também criarão e dirão algo sobre o mundo, à guisa de exemplo, a crítica de Al-Farabi a acepção de que a mais de uma divindade, em que este, por meio da lógica, refutará tal cousa ao asserir: “Em si e por si mesmo, o Ser Primeiro distingue-se de todos os seres. Por este motivo, é impossível que a entidade venha pertencer a outro ser distinto dele mesmo” (AL-FĀRĀBI, 2011, p. 5, tradução nossa)<sup>4</sup>, aqui ver-se, por exemplo, a negação da consubstancialidade apregoada pelo cristianismo, ao propor que o Ser Primeiro não pode ter outro semelhante a si, visto que isso é logicamente contraditório e levaria a muitas aporias, ou seja, que propor mais de um Ser Primeiro, quer dizer, do aludir que existe mais de uma entidade (um ente A e um ente B), tal é um embargo porque se tais existissem (se fossem o Ser Primeiro) não teriam diferença entre si, de modo que não seriam duas entidades, mas só uma, e se entres eles houvesse diferença, isso implicaria dizer, que a cousa que lhes distingue seria parte de cada um, e este não seria o ser primeiro. Logo, o Ser Primeiro não tem semelhante (AL-FĀRĀBI, 2011, p. 5-7).

Há outros exemplos de filosofias que são relegadas, estudadas por poucas pessoas, mas que são de sumidade, à guisa de exemplo, a filosofia mística, e que muitos ou olvidam ou se mostram como ignotos sobre tais, mas que na verdade:

Elas possuíam uma sólida cultura teológica e filosófica e, se tomarmos como exemplo a obra de Marguerite Porete, podemos dizer que ali encontramos não só a cultura teológica e filosófica, mas também o cruzamento desta com a literatura profana e religiosa. (NOGUEIRA, 2015, p. 15).

Muitos olvidam a proficuidade dessas filosofias, relegando para veredas abissais, quer dizer, essas que são muitas vezes excluídas do “cânone” da filosofia ou vistas somente como mero misticismo, e não como um pensamento realmente filosófico, isto é, não o antolham como modos genuínos de ver o mundo.

Em corolário a negação ou o olvidar de tais filosofias, o estudo e o ensino de filosofia perdem muitas visões de mundo, que, no entanto, não são tidas como os “clássicos”, mas que, algumas vezes o antecedem no dizer algo sobre a realidade, como no budismo, e segundo Coomaraswamy, na lei eterna à qual Buda mesmo elucubrava, denominando-a morosa de se compreender, mais de sentido profundo que, no entanto, era ensinada mesmo pelos predecessores de Buda e doravante pelos seus sucessores: “ela o era no sentido que era preciso ‘suprimir’ o egoísmo, o mal, e a dor; e não o era no sentido do aniquilamento de uma realidade” (COOMARASWAMY, 1952, p. 31), ou seja, ela no sentido de libertar das dores, o renunciar de si, de seu ensejo por “ou isto ou aquilo” (COOMARASWAMY, *loc. cit*), não sendo tal renuncia um ato suicídio, pois como foi dito não é o extirpar-se da realidade, mas uma liberdade que se dá na negação do querer. Assim, no supracitado, antojamos algo que será dito doravante pelos estoicos e na modernidade por Schopenhauer. Antoja-se, em tais elucubrações, uma filosofia que diz algo sumário do mundo, mas que, todavia, é relegada por muitos, como se tal não fosse uma genuína forma de ver a realidade.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aqui, então, propomos uma crítica ao ensino que se volve somente a filosofia branca, masculina, europeia/estadunidense, que nega outros modos de filosofar, que não o “clássico”. Queremos, desta maneira, volvemos para um ensino que não olvida das filosofias

---

<sup>4</sup> “En sí mismo y por sí mismo se distingue de todos los demás seres. Imposible que la entidad que tiene pertenencia también a otro ser distinto de El mismo”.

“marginais”, desta não no sentido negativo que normalmente lhe atribuem, mas o “marginal” mesmo enquanto próprio do filosofar (GOMES, 1994, p. 11), enquanto se desprender de uma razão, de um pensamento não nosso.

Consequentemente, não pretendemos cometer o absurdo de negar qualquer filosofia que não a asiática, a africana ou a brasileira (também não queremos negar a filosofia vigente, queremos fazer assunção de tal com todos os outros modos de fazer filosofia), mas sim, possibilitar uma abertura às filosofias que estão à margem, de um volver para um pensamento além daqueles que nos impõe, em outras palavras, uma crítica ao que nos impõe conformismo, ao que ao deliberar sobre uma filosofia brasileira, asiática ou africana, normalmente se ver tais com jocosidade, com burla, terminado em conformismo, em aceitar um suposto “*estatus quo*”, o estado de coisas, isto é, aceitar que não há filosofia que não a europeia ou a estadunidense.

De forma que, queremos criticar toda filosofia que se põe como única filosofia, que vê todo as outras filosofias como mero pensamento ou mitologia, assim, o que se deve propor é o possibilitar o afirmar as nossas acepções de mundo, não enquanto medida, mas enquanto nosso modo, ou melhor, um dos modos de ver, de interpretar, de mover a realidade, de negar o conformismo.

Queremos dizer algo consonante ao que o filósofo brasileiro Roberto Gomes proferiu, ao tratar de uma razão nossa, um pensamento, uma filosofia brasileira, um modo de ver o mundo que nos pertence, ou que nos caracteriza, partindo da negação da piada de que as coisas são assim, restando o “conforma-te!”, ou seja, negando o modo “brasileiro” de brincar com tudo e por fim conformar-se com a realidade “imutável”. Assim, o supracitado amoestada acerca do riso enquanto postura crítica, em suas palavras: “Talvez uma posição existencial muito nossa. O riso - um certo tipo de riso, o nosso - nos salva, tiraniza o tirano, amesquinha quem nos tortura, exorciza nossas angústias” (GOMES, 1994, p. 6).

Então, que esse Riso enquanto expressão do ser brasileiro, dizer nosso do mundo, que tal seja também, a princípio, a base, não para um criar uma filosofia totalmente nossa, pois essa existe, só necessita que venhamos a antolhar com o nosso olhar, com esse Riso que diz algo do mundo, que descobre, que desencobre, e que nesse ato não venhamos negar outro modos de antolhar a realidade, mas venhamos aditá-lo ao nosso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destarte, terminamos esse texto não com uma conclusão, mas com uma abertura, no sentido de ver o ensino de filosofia enquanto possibilidade de antolhar novos modos de conhecer, do saber que não se limita a alguns modos de cognoscibilidade e, nesse sentido, o ato de possibilitar a criação de uma filosofia mesma em sala de aula, tendo como base, a proposição do que quer dizer isso que nominamos de filosofia, a saber: “É a tentativa, penso, de enxergar um palmo diante do nariz” (GOMES, 1994, p. 15), quer dizer, que venhamos pensar e antolhar aquilo que está a nossa volta, nossa filosofia, como também devemos estar atento a um interdito, isto é, que não devemos ser como aqueles que ignoram outras filosofias. Devemos, na verdade, aditar à nossa outros modos de enxergar o mundo, enxergar, no sentido de ver aquilo que a academia, os textos didáticos, que os pretensos filósofos e filósofas olvidam, as filosofias que estão à margem, esperando para serem lidas, e para mostrarem o seu sentido de mundo.

Alfim, que o ensino de filosofia seja também uma abertura, uma abertura que possibilite os mais diversos modos de ver a realidade, que enquanto possibilitar o dizer sobre o mundo, possa-se afirmar enquanto pensamento genuíno, não enquanto negação de outro pensamento que não o seu, mas enquanto aditar, fazer assunção a todo encômio que enseja asserir algo sobre o mundo.

**Palavras-chave:** Filosofias marginais. Crítica ao eurocentrismo. Educação. Ensino.

## **REFERÊNCIAS:**

AL-FĀRĀBĪ. **La ciudad ideal**. Trad. Manuel Alonio Aonso. Espanha: Telos, 2011.

AVERRÓIS. **Discurso decisivo**. Trad. Márcia Valéria M. Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BRASIL. **Plano nacional do livro didático (PNLD)**. Guia dos livros didáticos de Filosofia. Brasília, MEC/SEB/FNDE, 2018.

CAMPANINI, Massino. **Introdução a filosofia islâmica**. Trad. Prínio Freire Gomes. São Paulo: Estação liberdade, 2010.

COOMARASWAMY, Ananda. **O pensamento vivo do Buda**. Trad. Ary Vasconcelos. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1952.

CORNELLI, Gabriele; CARVALHO, Marcelo; DANELON, Márcio (coords). **Filosofia**. Brasília: MEC/SEB, 2010. (Col. Explorando o ensino; v. 14).

GOMES, Roberto. **Crítica da razão tupiniquim**. 11. ed. FTD: São Paulo, 1994. (Col. Prazer em conhecer).

HOBBS, Thomas. **Leviatã, ou matéria, forma e poder de uma república eclesiástica e civil**. Trad. João Paulo Monteiro e Maria beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

NOGUEIRA, Simone Maria Marinho. **Negação e aniquilação em Marguerite Porete e Mestre Eckhart**. Revista Princípios: Natal, v. 22, n. 37, 2015.

VASCONCELOS, José Antônio. **Filosofia e filosofias**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.